

Aprender e desaprender com a morfologia urbana

Learning and unlearning with urban morphology

Aprendiendo y desaprendiendo con morfología urbana

Flavia Ribeiro Botechia, doutora em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professora na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: flavia.botechia@ufes.br  <http://orcid.org/0000-0002-5919-532X>

Para citar este artigo: BOTECHIA, F. R. Aprender e desaprender com a morfologia urbana. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 24-32, 2026.
DOI 10.5935/cadernospos.v26n1p24-32

Submissão: 2026-03-01

Aceite: 2026-03-04

Resumo

O objetivo deste ensaio é trazer para o diálogo desafios contemporâneos nos estudos morfológicos organizados em torno de (pelo menos) duas principais questões: primeiro, acerca de aspectos que envolvem o debate teórico-metodológico e, na sequência, alguns apontamentos sobre o processo de ensino e aprendizado. Tais desafios são de caráter reflexivo e vêm acompanhados mais de perguntas do que de respostas. Entretanto, é justamente a existência das perguntas que motiva o desenvolvimento de pesquisas no campo teórico da morfologia urbana sob uma perspectiva dos contributos da arquitetura e do urbanismo.

Palavras-chave: Morfologia urbana; Pesquisa; Estudos morfológicos; Arquitetura; Ensino.



Abstract

The aim of this essay is to bring to the dialogue contemporary challenges in morphological studies organized around (at least) two main issues: first, regarding aspects involving the theoretical-methodological debate and, subsequently, some observations about the teaching and learning process. These challenges are reflective in nature and are accompanied more by questions than answers. However, it is precisely the existence of these questions that motivates the development of research in the theoretical field of urban morphology from the perspective of the contributions of architecture and urbanism.

Keywords: Urban morphology; Research; Morphological studies; Architecture; Education.

Resumen

El objetivo de este ensayo es plantear los desafíos contemporáneos de los estudios morfológicos, organizados en torno a (al menos) dos cuestiones principales: primero, los aspectos del debate teórico-metodológico y, posteriormente, algunas observaciones sobre el proceso de enseñanza y aprendizaje. Estos desafíos son de naturaleza reflexiva y se acompañan más de preguntas que respuestas. Sin embargo, es precisamente la existencia de estas preguntas lo que motiva el desarrollo de la investigación en el campo teórico de la morfología urbana desde la perspectiva de las contribuciones de la arquitectura y el urbanismo.

Palabras clave: Morfología urbana; Investigación; Estudios morfológicos; Arquitectura; Educación.

INTRODUÇÃO

Diversos pesquisadores, em diversos países, têm se dedicado ao desenvolvimento do campo teórico da morfologia urbana, já não podendo mais ser tratado, em si, como grande novidade. Nessa condição, abordagens, autores, noções e conceitos têm inspirado pesquisas como as de que tomamos conhecimento nesta edição da revista *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo* do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie (FAU-UPM), oportunidade essa que se soma aos eventos científicos, nacionais e internacionais que cada vez mais oportunizam trocas e disseminação dos estudos morfológicos. Isso, ainda, sem deixar de mencionar a existência de redes de pesquisa, como a Rede Lusófona de Morfologia Urbana, criada em 2010, derivada da International Seminar on Urban Form, por sua vez, da década de 1990, e cuja edição de 2024 foi sediada na Universidade Presbiteriana Mackenzie, organizada pelos professores Heraldo Borges e Denise Antonucci.



Entretanto, apesar das oportunidades e da abrangência de possibilidades, quer seja das pesquisas em morfologia urbana quantitativas e/ou qualitativas, cognitivas e/ou normativas, algumas questões reverberam e desafios “mordem nossos calcanhares”. Assim, uma vez que o mapeamento de contribuições e genealogia dos estudos morfológicos está construído e vem sendo atualizado de modo sistemático e consistente, convocam-se para o debate alguns pontos e reflexões acerca do campo teórico da morfologia urbana. Faz-se isso não com a pretensão de elaborar questões totalitárias ou com o intuito de trazer respostas, mas, pelo contrário, de registrar perguntas que podem manter o campo teórico atualizado e vivo a partir das perspectivas contemporâneas e regionais.

Assim, o objetivo deste ensaio é elencar desafios contemporâneos nos estudos morfológicos organizados em torno de (pelo menos) duas principais questões: primeira, acerca de aspectos que envolvem o debate teórico-metodológico e, na sequência, alguns apontamentos sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Uma primeira questão sobre teorias e métodos...

Do ponto de vista da teoria, como afirmado por Kropf e Beloto (2022, p. 2), “existem várias abordagens distintas para o estudo dos assentamentos humanos sob a bandeira da morfologia urbana”. Uma leitura desse mencionado artigo seminal, traduzido pela professora Gislaine Beloto, não deixa dúvidas de que a junção de conceitos, comuns a algumas teorias, e o reconhecimento de lacunas são um caminho desejável, mas que deve ser trilhado com rigor. Como informado pelo mesmo autor, tal rigor expressa-se por critérios de consistência, mas, também, de especificidade, generalidade, compreensão e coerência (Kropf; Beloto, 2022, p. 3). Parcimônia e ousadia podem caminhar juntas para que seja possível trazer contribuições sem perder a essência do campo teórico, evitando-se assim apenas caracterizar a pesquisa como sendo em morfologia urbana, mas de fato praticando-a. Quando traçar limites entre os estudos urbanos e os estudos morfológicos? Quando, ainda que tratando de “forma física, uso/atividades/movimento, controle, percepção, continuidade/mudança, movimento ou fluxo de materiais e informações” (Kropf; Beloto, 2022, p. 5), já não se está mais na área de morfologia urbana? Como toda composição, e voltando aos aspectos da consistência, a definição da base teórica pode contribuir para a busca por respostas.

Igualmente interessante é a combinação entre as diferentes áreas do conhecimento e a pesquisa em arquitetura e urbanismo, entre as diferentes áreas de atuação dentro da arquitetura e urbanismo e a pesquisa específica sobre formas urbanas. Desde as últimas décadas do século passado, no Brasil, Santos (1984, n. p.) alertava para o fato de que com o desenvolvimento dos primeiros planos diretores, quando as “cidades passaram a sofrer análises sérias”, a busca pela minúcia na descrição científica trouxe como consequência a tratativa de assuntos tão variados quanto dispersos.



Não estaríamos ainda diante do mesmo desafio, tratando de admitir as transversalidades e desejando diálogos com geografia, história, sociologia, matemática, antropologia, literatura ao estudarmos um objeto tão complexo quanto as cidades? Como manter o foco necessário para colaborar com as pesquisas em arquitetura e urbanismo? Como combinar planejamento urbano, ecologia, o urbanismo de dados, mas ainda assim colocar como objetivo principal, se é o que se deseja (evidentemente), a pesquisa em morfologia urbana? Talvez a chave da resposta esteja no detalhe e não na figura ampliada, dando especial atenção às formas urbanas, aos elementos que a constituem e à confrontação a partir da leitura documental, em especial a cartográfica.

A condição de estudos comparativos, importante recordar, é um dos pilares dos estudos morfológicos. Segundo Scheer e Meneghetti (2022, p. 3), há procedimentos metodológicos de pesquisas com diferentes origens, mas, de modo geral, eles perpassam sucessivas etapas de “coleta de dados formais, reconhecimento de padrões, desenvolvimento e teste de teorias de mudança, e apreciação de condições não formais”. Destas, é justamente na segunda etapa – de reconhecimento de padrões – que objetos comparáveis, em ambas as condições, diacrônica e sincrônica, na mesma escala e com regularização de representação, podem levar a reflexões e testes de noções existentes ou, eventualmente, descobertas de novas teorias.

Entretanto, as formas e os objetos não são autônomos e devem ser lidos à luz da compreensão de diferentes contextos sociais, culturais, políticos, históricos e geográficos, para trazer as condições mínimas, evitando-se “tomar uma coisa pela outra”. Entra aí, pelos motivos expostos, a importância da incorporação da leitura dos autores locais, no nosso caso, brasileiros e latino-americanos.

Ainda sobre especificidades e generalidades, apontadas por Kropf e Beloto (2022) e que perpassam as questões teórico-metodológicas balizares a qualquer investigação, não necessariamente em morfologia urbana, enxergar o Brasil e os aspectos da forma urbana do modo como ocorrem no país tem se tornado um diferencial das pesquisas contemporâneas. Numa condição em que os diálogos internacionais são extremamente desejáveis, em que o acesso a produções independe das fronteiras geopolíticas, gerando referências de um modo expandido, olhar a condição de um país em si mesmo continental, diverso e com matrizes ancestrais não é uma escolha.

Dentre tantos autores, é necessário registrar pelo menos dois, não exclusivamente da área de morfologia urbana (é bom que se diga), que fundamentam dois enfoques: o histórico e o ambiental. Para o primeiro caso, considera-se Nestor Goulart Reis (1968), professor catedrático da Universidade de São Paulo, pela importância da pesquisa longa sobre cartografia histórica e, mais especificamente, sobre a condição do período colonial brasileiro tanto no que se trata da política administrativa quanto de regras formais de ruas, praças e edificações. Ao longo da carreira de Reis (2006), inúmeras publicações se destacam, chegando, nas



primeiras décadas do século XXI, a desenvolver teorias acerca do processo de crescimento urbano e suburbano, entendendo-o para além das fronteiras, indo em direção ao território e “aos assentamentos humanos de modo geral”.

A segunda autora que se pode mencionar, neste momento, é Ana Claudia Cardoso, professora doutora da Universidade Federal do Pará. Cardoso *et al.* (2020), contemporaneamente, vêm aguçando olhares para as particularidades de um processo de urbanização do modo como se deu, e ainda continua a se dar, nas escalas urbana e regional na Amazônia brasileira. A partir de reflexões sobre os fundamentos teóricos da escola inglesa de morfologia urbana, baseada em M. R. G. Conzen, professores e pesquisadores da Universidade Federal do Pará (Ufpa) reconhecem a necessidade de, no mínimo, adequação desses fundamentos ao contexto amazônico devido às diferenças quanto às origens dos conceitos fundados sob “forte tradição cadastral (produção e arquivo de registos cartográficos), nas quais a condição de propriedade privada era predominante ou nas quais havia forte presença de políticas públicas em todas as esferas da vida [...]” (Cardoso *et al.*, 2020, p. 2). Essa condição de reflexão, em que não há submissão a uma lógica anterior ou pretensamente superior, mas, de fato, um diálogo, é necessária.

Tais autores, e inúmeros outros que desenvolvem estudos morfológicos, parecem indicar a especialização tanto no registro e na interpretação das formas urbanas canônicas, mas também sobre aquelas formas de “fora da cidade”, cujos aspectos relacionados a velocidade de transformação, peculiaridades da geomorfologia, grupos sociais específicos e poucos registros são apontados como os principais desafios (Cardoso *et al.*, 2020, p. 2). Quais futuros poderão ser traçados a partir da contribuição dos pesquisadores brasileiros? Será constituída uma nova escola ou abordagem?

No cenário de perspectivas futuras, é importante ainda recordar outro incontornável caminho que os pesquisadores contemporâneos têm aberto. Fato é que artigos e pesquisas acadêmicos, publicados na última década, já nos auxiliam a buscar aproximações “não colonialistas” não só na área da morfologia urbana, mas também nela. Recordam-se aqui os trabalhos de Viana (2019) sobre características materiais de uma sociedade “auto-organizada” em Maputo (Moçambique), mas também de Spolaor e Oliveira (2021), cuja reflexão sobre forma e informalidade gera contribuições para desmitificar (de uma vez) a condição de que o “não planejado” não possui ordem, entre muitos outros autores de diferentes partes do planeta Sul Global :

A morfologia urbana é usada frequentemente em cidades com uma forte história urbana (mas contendo novas áreas) para traçar suas origens e contextos, identificar suas escalas e dimensões, reconhecer os agentes que as moldaram e para planejar e traçar o futuro. Para cidades que apresentam contextos não planejados, teorias e conceitos da morfologia têm sido aplicados para desmistificar seu aparentemente



desordenamento (Loureiro, 2017) e entender como analisar assentamentos nos quais os limites entre lotes, edifícios e ruas não são precisamente demarcados e delimitados (McCartney; Krishnamurthy, 2018). Alguns estudos apontam como o tempo de evolução desses assentamentos é pequeno para a escala da transformação (Iovene, 2018), e como as atividades alteram diariamente o espaço (Viana, 2019) (Spolaor; Oliveira, 2021, p. 8).

Ainda sobre esses múltiplos descolamentos geográficos, desejáveis, pondera-se também a existência dos deslocamentos do tempo e das relações com o passado ancestral “não como uma relíquia a ser trancada num arquivo, exposta nas vitrines de um museu ou dissecada por especialistas em uma biblioteca, e sim como uma proposta política sobre como podemos viver uns com os outros” (Azoulay, 2024, n. p.). Tempo, lugar e forma mais uma vez na condição de inspirar, mas também de ser referência teórica e metodológica em arquitetura e urbanismo.

...e mais outra (breve) questão sobre aprender/desaprender

Ao mencionar Azoulay (2024), alimenta-se a chama sobre “recusar a busca irrefreável pelo novo”, o que recorda a existência da infinita linha que liga passado ao futuro, dando pistas para conversar sobre questões de ensino e aprendizado. Nessa condição, não há aqui uma referência direta ao ambiente universitário, nem ao da graduação tampouco da pós-graduação, ou ao momento em “sala de aula”. Como a morfologia urbana pode “fazer ver” que outro campo teórico, em arquitetura e urbanismo, não faria mais ou melhor? O desenvolvimento de um estudo morfológico pode contribuir para compreender nuances do objeto empírico, e ao fazê-lo já saímos da condição de controle, do “é assim” ou qualquer outro domínio de ideias preconcebidas. Igualmente já está dito por diversos autores que estudos acadêmicos e técnicos deveriam incorporar uma leitura morfológica, ainda que ela não venha a se constituir como referencial teórico fundamental e/ou central da própria investigação.

A morfologia urbana pode, nesse sentido, abrir possibilidades para aprofundar a compreensão dos recortes espaciais sob uma perspectiva dos contributos da arquitetura e, de modo sensível, para dialogar com aspectos da história e da memória dos povos e dos territórios. O estudo das abordagens morfológicas predominantes do modo como proposto pelo professor Karl Kropf (Kropf; Beloto, 2022), fundadas a partir da perspectiva de autores europeus e com observância de fenômenos locais, não exclui a importância de interrogar os processos de formação das cidades e dos territórios inseridos em outras condições não formais. Portanto, é um aprender que traz implícita uma dupla abrangência de “fora para dentro”, mas também de “dentro para fora”.



Especificamente no contexto acadêmico, os conteúdos da morfologia urbana, como afirma Oliveira (2015, 2018, 2022) em diversas publicações, estão diluídos em disciplinas que abordam as cidades sob o viés da forma física, dos agentes e dos processos de transformação, como é o caso daquelas disciplinas inseridas nas grades curriculares dos cursos de Arquitetura, Geografia, História, Arqueologia, entre outros. Talvez estejamos falando, portanto, de morfologia urbana sem efetivamente nomeá-la. Se deveria, ou não, existir uma disciplina específica sobre estudos morfológicos no contexto de cursos de graduação (ou mesmo de pós-graduação), é um debate que permanece em aberto, mas fato é que

[...] as formas urbanas possuem um significado cultural e social que transcende a funcionalidade atual e, como tal, apresentam camadas de significado e importância [...] na apreciação e compreensão da estética e das camadas acumuladas de significado, o estudo da forma urbana oferece um valor agregado à qualidade de vida (Barke, 2018, p. 12, tradução nossa).

Se ainda fossem necessárias algumas referências para suportar esse debate, ainda assim retornaria a Vitor Oliveira (2018, p. 317-334), que chega a elaborar uma proposta de conteúdos para um curso em morfologia urbana estruturado em aulas norteadas pelas noções de “O que é morfologia urbana? Por que ensiná-la? Que conteúdos devem ser abordados em um curso de morfologia urbana? E como podemos ensiná-la de forma eficaz?” (Oliveira, 2018, p. 318, tradução nossa). Tal indicação pode também ser apreciada de modo desenvolvido na publicação *Morfologia urbana: uma introdução ao estudo da forma física das cidades* (Oliveira, 2022).

No contexto da prática profissional, as reflexões não são diferentes. Há, novamente, nos autores supracitados, uma noção da participação dos estudos morfológicos no desenvolvimento da ação projetual, no projeto de arquitetura e de planejamento urbano, a partir de ligações interdisciplinares e aprofundamento no conhecimento sobre as preexistências:

Um grande desafio para a morfologia urbana nos próximos anos é ser capaz de identificar suas contribuições mais importantes e [...] específicas para as cidades e sociedades contemporâneas. De fato, é urgente reforçar a dimensão morfológica do debate e da prática nas cidades. Nesse sentido, a morfologia urbana deve prestar menos atenção à crítica, modificação e transformação dos seus já sofisticados conceitos, métodos e técnicas e prestar mais atenção à potencialização das condições de aplicação de suas contribuições em nossa vida diária. Esse processo envolverá necessariamente alguma simplificação, mas não tem de



significar uma perda no conteúdo fundamental da disciplina (Oliveira, 2022, p. 205).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poderia, então, se afirmar que há um movimento de aprender e, ao mesmo tempo, desaprender com a morfologia urbana? Como percursos entrelaçados, os estudos morfológicos têm potencial para compor referências visando à interpretação das existências físicas a partir de noções, teorias, métodos e conceitos, até certo ponto “universais”, mas também a partir da construção do olhar sensível e do ato de perceber e registrar os rompimentos e atravessamentos, as falhas, os erros, os descompassos. O detalhe importa.

A partir do mesmo percurso de aprender e, ao mesmo tempo, desaprender, os estudos morfológicos podem participar da identificação e nomeação das várias camadas de significados e extratos materiais do mundo. De novo, somente um olhar sensível pode auxiliar na apreciação da complexidade de uma obra, indícios de memórias e materialidades apagadas, aspectos que ficaram sem ser contados. Às vezes é uma linha em diagonal numa cartografia no meio de tantas outras linhas que se encontram a 90 graus, outras vezes é uma sombra na parede sob várias camadas de tinta sobrepostas. O detalhe importa.

Considera-se, igualmente, que os processos equivalentes de aprender e desaprender também estão presentes na prática profissional quando contornada pelos interesses na morfologia urbana. Numa condição de intercâmbio de ideias e ideais, o projeto, nas variadas escalas e dimensões, pode estar condicionado ao estudo das preexistências e das experiências anteriores, a fim de situar o que foi feito antes diante daquele mesmo problema. Entretanto, se tal movimento não for acompanhado de uma pesquisa também sobre o que não fazer, sobre o respeito às diferenças, sobre como atualizar ou contextualizar debates, sobre como ser crítico... sobre se perguntar: será? Novamente, e pedindo licença para recorrer às redundâncias e repetições, o detalhe importa.

REFERÊNCIAS

- AZOULAY, A. A. *História potencial: desaprender o imperialismo*. São Paulo: Ubu, 2024.
- BARKE, M. The importance of urban form as an object of study. *In*: OLIVEIRA, V. (ed.). *Teaching urban morphology*. London: Springer, 2018.
- CARDOSO, A. C. D.; LIMA, J. J. F.; PONTE, J. P. X.; NETO, R. S. V.; RODRIGUES, R. M. Morfologia urbana das cidades amazônicas: a experiência do Grupo de Pesquisa Cidades na Amazônia da Universidade Federal do Pará. *Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana*, n. 12, p. 1-18, 2020.



KROPF, K.; BELOTO, G. E. Aspectos da forma urbana. *Revista de Morfologia Urbana*, n. 10, v. 2, p. 1-16, 2022.

OLIVEIRA, V. Editorial. *Revista de Morfologia Urbana*, n. 3, v. 1, 2015.

OLIVEIRA, V. (ed.). *Teaching urban morphology*. London: Springer, 2018.

OLIVEIRA, V. *Morfologia urbana: uma introdução ao estudo da forma física das cidades*. Curitiba: PUCPress, 2022.

REIS, N. G. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: (1500/1720)*. São Paulo: Pioneira, 1968.

REIS, N. G. *Notas sobre a urbanização dispersa e novas formas do território*. São Paulo: Via das Artes, 2006.

SANTOS, C. N. F. dos. In: TURKIENCZ, B. (ed.). *Desenho urbano*. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984.

SCHEER, B. C.; MENEGHETTI, K. S. A epistemologia da morfologia urbana. *Revista de Morfologia Urbana*, n. 10, v. 1, p. 1-14, 2022.

SPOLAOR, S.; OLIVEIRA, V. Morfologia urbana e informalidade: a busca de identidade local. *Revista de Arquitetura e Urbanismo Projectare*, n. 12, p. 7-20, 2021.

VIANA, D. L. *Maputo: (auto)organização e forma-dinâmica urbana*. Porto: U.Porto Press, 2019.

